

A PSIQUE, A CONSCIÊNCIA, O INCONSCIENTE*

As três palavras que encabeçam o título de nosso ensaio, a psique, a consciência e o inconsciente, não representam apenas três questões psicológicas centrais e fundamentais, mas são, em grau muito mais elevado, questões metodológicas, ou seja, questões relativas aos princípios de estruturação da própria ciência psicológica. T. Lipps expressou-o com precisão em sua conhecida definição do problema do subconsciente, segundo a qual o subconsciente não é tanto uma dimensão psicológica mas um problema que afeta a própria psicologia enquanto ciência.

H. Höffding (1908) subentendia o mesmo quando afirmava que a introdução em psicologia do conceito de inconsciente tem um significado análogo ao da introdução do conceito de energia potencial em física. É somente a partir da introdução desse conceito que a psicologia se torna possível em todo seu sentido como ciência independente, capaz de unir e coordenar os fatos da experiência em um determinado sistema subordinado a regularidades concretas. Quando H. Münsterberg tratou desse mesmo problema estabeleceu uma analogia entre o problema do inconsciente em

* "Psíkhika, soznanie, bessoznátelnoe". Não se sabe quando o trabalho foi escrito. Foi publicado pela primeira vez na compilação *Elementos de psicologia geral* (Moscou, 1930).

psicologia e o da existência da consciência nos animais e afirma que é impossível decidir qual das diferentes explicações do problema é a correta se nos basearmos somente em observações. Para ele, trata-se de um problema que é preciso resolver antes de nos dedicarmos a estudar os fatos.

Em outras palavras, a questão de os animais possuírem ou não consciência não pode ser resolvida experimentalmente, trata-se de uma questão gnoseológica. E o mesmo ocorre no caso do inconsciente: nenhuma das vivências anormais pode servir por si mesma para demonstrar que é necessária uma explicação psicológica e não fisiológica. Estamos diante de uma questão filosófica que é preciso resolver teoricamente antes de que possamos nos dedicar a explicar fatos concretos.

Vemos que tanto correntes psicológicas quanto sistemas inteiros se desenvolvem de maneira completamente distinta em função das explicações que oferecem sobre os três termos que formam o título deste capítulo. Basta lembrar como exemplo a psicanálise, construída sobre o conceito do inconsciente, e compará-la à psicologia empírica tradicional, que estuda exclusivamente fenômenos conscientes.

Basta, ainda, lembrar a psicologia objetiva de I. P. Pávlov e dos behavioristas norte-americanos, que excluem por completo os fenômenos psíquicos do círculo de suas investigações e compará-los com os partidários da denominada psicologia compreensiva ou descritiva, cuja única tarefa consiste em analisar, classificar e descrever os fenômenos da vida psíquica sem recorrer em absoluto às questões da fisiologia e do comportamento. Basta apenas lembrar de tudo isso para se convencer de que a questão da psique, do consciente e do inconsciente, tem um valor metodológico determinante para qualquer sistema psicológico. O próprio destino de nossa ciência depende de como se resolva essa questão, fundamental para ela.

Para alguns, deixará de existir por completo, sendo substituída pela atual fisiologia do cérebro ou reflexologia, para outros se transformará em psicologia eidética ou fenomenologia pura do espírito; os terceiros, por fim, buscam os

caminhos para a construção de uma psicologia sintética. De nossa parte, não enfocaremos essa questão de uma vertente histórica ou crítica, não nos dedicaremos a analisar em sua totalidade os tipos mais importantes de compreensão de todos esses problemas, mas limitaremos desde o princípio nossa tarefa a considerar a importância dos três termos no sistema da psicologia científica objetiva.

Até muito pouco tempo atrás, a possibilidade da psicologia como ciência independente dependia do reconhecimento da psique como esfera independente da existência. Ainda é muito corrente a opinião de que o conteúdo e o objeto da ciência psicológica são constituídos pelos fenômenos ou pelos processos psíquicos e que, por conseguinte, a psicologia como ciência independente só é possível se partirmos do pressuposto filosófico-idealista da independência e da existência inicial no mesmo plano do espírito e da matéria.

É assim que opera a maioria dos sistemas idealistas em relação à psicologia, procurando emancipá-la de sua natural tendência a unir-se às ciências naturais, do "materialismo sutil" (segundo expressão de W. Dilthey) que penetra nela por meio da filosofia. E. Spranger, um dos mais importantes representantes atuais da psicologia compreensiva ou da psicologia como ciência do espírito, formulou ultimamente uma exigência que significa, de fato, que a psicologia deve ser elaborada partindo exclusivamente do método psicológico. Para Spranger, é evidente que isto pressupõe, obrigatoriamente, renunciar a qualquer gênero de explicação fisiológica em psicologia e optar por explicar os fenômenos psíquicos partindo deles mesmos.

Essa mesma idéia é defendida às vezes inclusive por fisiólogos. Assim, no começo de suas investigações sobre a salivação psíquica, Pávlov chegou à conclusão de que o ato psíquico, o desejo ardente de comer, é, sem dúvida, um excitante dos centros dos nervos salivares. Como se sabe, renunciou posteriormente a esse ponto de vista e estabeleceu que, ao estudar o comportamento dos animais e, em particular, a salivação psíquica, deve-se evitar a referência a qualquer tipo de ato psíquico. Expressões tais como "o de-

sejo ardente de comer”, “o cachorro lembrou”, “o cachorro adivinhou” foram eliminadas por completo de seu laboratório, estabelecendo-se uma multa especial para aqueles que recorressem durante o trabalho a esse tipo de expressão psicológica para explicar algum ato do animal.

Na opinião de Pávlov, quando recorremos a atos psíquicos estamos escolhendo o caminho do pensamento intermista, sem motivação, e estamos nos afastando da via rigorosa da ciência natural. Por isso, a via correta tanto para resolver o problema do comportamento como para dominar o comportamento passa, em sua opinião, por uma autêntica fisiologia do cérebro, que possa investigar as conexões nervosas e as correspondentes conexões de reflexos, assim como as unidades de comportamento, sem supor que estejam em absoluto acompanhadas por qualquer fenômeno psíquico.

I. P. Pávlov demonstrou, e nisso consiste seu grande mérito, que se pode interpretar o comportamento de um ponto de vista fisiológico, sem tentar entrar no mundo interno do animal e que esse comportamento pode ser explicado com exatidão científica e, inclusive, podemos predizer esse comportamento sob determinadas condições, e tudo isso sem necessidade de formarmos uma idéia, nem que seja vaga e distante, das vivências do animal. Dito de outra maneira, Pávlov mostrou que é possível estudar objetiva e fisiologicamente o comportamento, pelo menos do animal, e em princípio também possivelmente das pessoas. Ou seja, estudar o comportamento ignorando a vida psíquica.

Ao mesmo tempo, Pávlov, prendendo-se à mesma lógica que E. Spranger, dá a Deus o que é de Deus e a César o que é de César, reservando para a fisiologia o enfoque objetivo do comportamento e para a psicologia o subjetivo. Também para Pávlov o psicológico e o psíquico coincidem por completo. Como toda a história de nossa ciência tem mostrado, essa questão é completamente insolúvel se partirmos do pressuposto filosófico até agora mantido pela psicologia. Criou-se uma situação que parece expressar e resumir de forma sumária todo o longo desenvolvimento de nossa ciência.

Temos, por um lado, a completa negação das possibilidades de estudar a psique e a decisão de ignorá-la, pois seu estudo nos põe no caminho do pensamento desmotivado. O que na verdade caracterizaria a vida psíquica seriam seus intervalos, a falta de uma percepção permanente e constante de seus elementos, o desaparecimento e o reaparecimento desses elementos. Por isso, considera-se impossível estabelecer relações causais entre elementos isolados, do que resulta a necessidade de renunciar à psicologia como disciplina científico-natural. "Do ponto de vista da psicologia – diz Münsterberg –, não ocorrem conexões reais nem mesmo entre fenômenos completamente conscientes da vida psíquica, de modo que tais fenômenos não podem ser as causas de algo, nem servir-lhe de explicação. Por isso, na vida interna, tal e como a considera a psicologia, não existe uma causalidade direta, porque a explicação causal só é aplicável aos fenômenos psíquicos, que podem ser considerados como um complemento dos processos fisiológicos." (1914, p. 631.)

Portanto, uma das vias nos conduz à completa negação da psique e, por conseguinte, da psicologia. Restam outros dois caminhos, não menos interessantes, que testemunham com igual clareza o beco sem saída a que o desenvolvimento histórico conduziu nossa ciência.

O primeiro deles é a psicologia descritiva, da qual já falamos. Considera que a psique é uma esfera da realidade totalmente isolada, na qual não atua nenhuma das leis da matéria e constitui o verdadeiro reino do espírito. Nesse âmbito completamente espiritual são impossíveis todos os tipos de relação causal; e dentro dele deve-se buscar a compreensão, o esclarecimento dos significados, o estabelecimento dos valores. Dentro dele pode-se descrever e dividir as estruturas, classificá-las e estabelecê-las. Essa psicologia descritiva contrapõe-se à explicativa, eliminando por completo do campo da ciência as tarefas da explicação.

À psicologia descritiva como ciência do espírito se opõe a psicologia científico-natural. Assim, mais uma vez a psicologia se cinde em duas partes que não mantêm relação mútua. Na psicologia descritiva imperam outros procedimentos

de conhecimento totalmente diferentes: não se pode recorrer à indução para estabelecer leis empíricas, mas predomina o método analítico ou fenomenológico, o método da apreciação sobre o sentido ou a intuição, que permite analisar os dados obtidos diretamente da consciência.

“No campo da consciência – diz E. Husserl – a diferença entre o fenômeno e a realidade foi destruída.” (1911, p. 25.) Nele, toda aparência que parece é realidade. Por isso, esse tipo de psicologia parece-se muito mais com a geometria do que qualquer outra ciência natural, como, por exemplo, a física: e também por isso essa psicologia deverá se transformar na matemática do espírito com que sonhava Dilthey. É evidente que neste caso o psíquico se identifica integralmente com o consciente, já que a intuição pressupõe a conscientização direta das vivências próprias. Mas há ainda um outro método em psicologia que, como indicava E. Spranger, obedece também ao princípio que ele mesmo propõe, embora siga o caminho inverso: o psicológico – psicologicamente. Para essa corrente, o psíquico e o consciente não são sinônimos. O conceito central da psicologia é o inconsciente, que permite preencher as lacunas da vida psíquica, estabelecer as conexões causais que faltam, continuar a descrição dos fenômenos psíquicos para além da mente mas nos mesmos termos, considerando que a causa deve ter homogeneidade com a consequência, ou pelo menos estar na mesma linha dela.

Portanto, mantém-se a possibilidade da existência da psicologia como ciência específica. Mas essa tentativa é em grande parte dupla, já que inclui dentro dela duas tendências essencialmente heterogêneas. Spranger tem razão ao afirmar que Freud, principal representante dessa teoria, parte tacitamente do mesmo princípio que a psicologia compreensiva, ou seja, de que no campo da psicologia o conhecimento deve ser construído, sempre que possível, de forma puramente psicológica. Digressões prematuras ou casuais no campo do anatômico ou do fisiológico, ainda que possam descobrir conexões psicofísicas em nível factual, não nos ajudarão a compreender nada.

A alternativa de Freud consiste em uma tentativa de continuar interpretando as conexões e as dependências dos fenômenos psíquicos no âmbito do inconsciente e em supor que por trás dos fenômenos conscientes se encontram os inconscientes, que os condicionam e que podem ser reconstruídos por meio da análise de suas marcas e da interpretação de suas manifestações. Mas o próprio Spranger faz uma severa ressalva a Freud: nessa teoria observa-se um erro teórico curioso. Diz que, embora com Freud se tenha superado o materialismo fisiológico, continua existindo um materialismo psicológico, uma premissa metafísica tácita, a premissa de que a presença de uma atração sexual se explica por si mesma e todas as outras devem ser interpretadas a partir dela.

Com efeito, a tentativa de criar uma psicologia com o auxílio do conceito de inconsciente tem, nesse caso, duas vertentes: por um lado, tem afinidades com a psicologia idealista, já que se cumpre o preceito de explicar os fenômenos psíquicos a partir deles mesmos; e, por outro, Freud se situa no terreno do materialismo ao introduzir a idéia de um forte determinismo em todas as manifestações psíquicas, cuja base fica reduzida ao nível orgânico e biológico ou, em termos concretos, ao instinto de conservação da espécie.

São, portanto, três as vias que se apresentam: renunciar ao estudo da psique (reflexologia), "estudá-la" através do psíquico (psicologia descritiva) e conhecê-la através do inconsciente (Freud). Como veremos, são três sistemas psicológicos totalmente distintos, que resultam de diferentes maneiras de ter acesso à compreensão da psique em cada um deles. Já dissemos que o desenvolvimento histórico de nossa ciência conduziu esse problema para um beco sem saída, do qual não há outra forma de sair a não ser renunciando ao fundamento filosófico da velha psicologia.

Somente um enfoque dialético do problema nos revela que na própria formulação, sem exceção, de todos os problemas relacionados com a psique, a consciência e o inconsciente havia sido cometido um erro. Em todos os casos estamos diante de problemas formulados de maneira equivocada e que, por isso, são insolúveis. A profunda diferença entre os

problemas psíquicos e fisiológicos resulta totalmente insuperável para o pensamento metafísico, ao passo que a irredutibilidade de uns aos outros não constitui obstáculo para o pensamento dialético, acostumado a analisar os processos de desenvolvimento por um lado como processos contínuos e, por outro, como processos que são acompanhados por saltos, pelo aparecimento de novas qualidades.

A psicologia dialética parte, antes de mais nada, da unidade dos processos psíquicos e fisiológicos. Para a psicologia dialética a psique não é, como expressara Spinoza, algo que jaz além da natureza, um Estado dentro de outro, mas uma parte da própria natureza, ligada diretamente às funções da matéria altamente organizada de nosso cérebro. Assim como o resto da natureza, não foi criada, mas surgiu num processo de desenvolvimento. Suas formas embrionárias estão presentes desde o princípio: na própria célula viva mantêm-se as propriedades de mudar sob a influência de ações externas e de reagir a elas.

Em algum lugar, em um determinado nível de desenvolvimento dos animais, produziu-se uma mudança qualitativa no aperfeiçoamento dos processos cerebrais, que, por um lado, fora preparada por toda a marcha precedente do desenvolvimento e, por outro, constituía um salto em seu curso, já que representava o surgimento de uma nova qualidade, que não podia ser reduzida mecanicamente a fenômenos mais simples. Se aceitarmos essa história natural da psique compreenderemos também a segunda idéia: a psique não deve ser considerada como uma série de processos especiais que existem em algum lugar na qualidade de complementos acima e separados dos cerebrais, mas como expressão subjetiva desses mesmos processos, como uma face-ta especial, uma característica qualitativa especial das funções superiores do cérebro.

Por meio da abstração, o processo psíquico se separa ou se subtrai do psicofisiológico, mas é apenas no seio deste que adquire significado e sentido. A impotência da velha psicologia para resolver o problema psíquico decorria em grande parte do fato de que, devido a seu enfoque idea-

lista, o psíquico escapava ao processo global de que é parte integrante e era considerado como um processo independente que existe paralelamente aos processos fisiológicos, sem nenhuma relação com eles.

Em contrapartida, o reconhecimento da unidade desse processo psicofisiológico conduz-nos obrigatoriamente a uma exigência metodológica completamente nova: não devemos estudar os processos psíquicos e fisiológicos de forma separada, visto que, desgarrados do conjunto, tornam-se totalmente incompreensíveis; devemos, portanto, abordar o processo em sua totalidade, o que implica considerar ao mesmo tempo os aspectos subjetivos e objetivos.

Não obstante, assumir a unidade do psíquico e do físico reconhecendo, em primeiro lugar, que a psique surgiu em um determinado nível de desenvolvimento da matéria orgânica e, em segundo, que os processos psíquicos constituem uma parte inseparável de conjuntos mais complexos, fora dos quais não existem e, portanto, não podem ser estudados, não deve nos levar a identificar o psíquico com o físico.

Esta identificação realizou-se por duas vias: uma delas é característica da corrente da filosofia idealista refletida nos trabalhos de E. Mach; outra é própria do materialismo mecanicista e dos materialistas franceses do século XVIII. O último ponto de vista consiste em identificar o processo psíquico com o fisiológico nervoso reduzindo o primeiro a este último. O resultado disso é que o problema da psique se anula por completo e se apaga entre o comportamento psíquico superior e as formas anteriores de adaptação da psique. O testemunho indiscutível da experiência direta fica destruído, chegando a uma contradição inevitável e inconciliável com todos os dados, sem exceção, da experiência psíquica.

Outra identificação, própria do enfoque de Mash, consiste em equiparar a vivência psíquica — por exemplo, a sensação — com o objeto real correspondente. Como se sabe, na filosofia de Mach, esse tipo de identificação leva ao reconhecimento da existência de elementos nos quais não se pode distinguir o objetivo do subjetivo.

A psicologia dialética renuncia a ambas as identificações, não confunde os processos psíquicos com os fisiológicos, reconhece o caráter irreduzível da singularidade qualitativa da psique e afirma apenas que os processos psicológicos são únicos. Chegamos, por conseguinte, ao reconhecimento de processos psicofisiológicos singulares e únicos, que constituem as formas superiores de comportamento do homem, aos quais propomos denominar processos psicológicos, diferentes dos psíquicos e por analogia aos chamados processos fisiológicos.

Poderão facilmente nos perguntar: por que não chamar com esse duplo nome processos que são psicofisiológicos por sua natureza, como já reconhecemos? Cremos que a razão principal consiste em que chamá-los de psicológicos implica uma opção metodológica com a qual podemos abordar aqueles processos que a psicologia estuda e, com isto, estamos sublinhando a possibilidade e a necessidade de um objetivo único e integral da psicologia como ciência. Junto com isto e sem que coincida com ele também pode existir o estudo psicofisiológico: a fisiologia psicológica ou a psicologia fisiológica, que considera como tarefa específica estabelecer as conexões e dependências existentes entre os dois gêneros de fenômeno.

De fato, em nossa psicologia comete-se com frequência um erro importante em relação a esse problema. Essa fórmula dialética de unidade, mas não de identidade, entre os processos psíquico e fisiológico, é muitas vezes interpretada equivocadamente e leva a contrapor o psíquico e o fisiológico, o que, por sua vez, suscita a idéia de que a psicologia dialética deve ser constituída pelo estudo puramente fisiológico dos reflexos condicionados e pela análise introspectiva, que se unem mecanicamente entre si. Não se poderia conceber nada de mais antidialético.

A originalidade da psicologia dialética consiste justamente na tentativa de determinar de modo completamente novo seu objeto de estudo, que não é outro senão o processo integral do comportamento. Este se caracteriza por contar tanto com componentes psíquicos quanto fisiológicos, ainda

que a psicologia deva estudá-los como um processo único e integral, tentando, dessa maneira, encontrar uma saída para o beco em que se mete. Poderíamos recordar aqui a advertência feita por V. I. Lênin no livro *Materialismo e empirio-crítica* (*Obras completas*, t. 18, p. 150) sobre uma interpretação errônea dessa fórmula. Lênin afirma que a contraposição entre o psíquico e o físico é completamente necessária, mas dentro dos estritos limites da formulação das tarefas gnoseológicas, e que levar essa contraposição para fora de tais limites seria um grande engano.

A dificuldade metodológica da psicologia consiste precisamente em que seu ponto de vista é científico-real, ontológico, e por isso essa contraposição seria um erro. Assim como na análise gnoseológica devemos contrapor rigidamente sensação e objeto, na psicológica não devemos contrapor o processo psíquico ao fisiológico.

Tentemos explorar agora, sob essa perspectiva, se a aceitação dessa tese nos oferece alguma saída para o beco. Como se sabe, a psicologia tradicional ainda não encontrou uma solução para dois problemas: o da importância biológica da psique e o do esclarecimento das condições em que a atividade cerebral começa a ser acompanhada por fenômenos psicológicos. Pessoas tão antagônicas como o objetivista V. M. Békhterev e o subjetivista K. Bühler reconhecem que nada sabemos da função biológica da psique, mas que não cabe admitir que a natureza cria dispositivos supérfluos e que, como a psique surgiu no processo da evolução, deve desempenhar alguma função, mesmo que esta nos seja totalmente incompreensível até agora.

Pensamos que o caráter insolúvel desses problemas decorre de uma formulação equivocada. É absurdo arrancar primeiro uma determinada qualidade de um processo integral e depois se perguntar sobre suas funções como se existisse por si, totalmente independente do processo integral do qual é uma propriedade. É absurdo, por exemplo, depois de separar do sol seu calor, atribuir-lhe um significado independente e se perguntar que significado tem e que ação pode exercer esse calor.

E, no entanto, é precisamente assim que a psicologia agiu até agora. Descobriu a vertente psíquica dos fenômenos e depois tentou demonstrar que não serve para nada, que essa vertente psíquica é incapaz de produzir por si mesma a menor mudança na atividade cerebral. A própria formulação da questão encerra a falsa suposição de que os fenômenos psíquicos podem influir sobre os cerebrais. É absurdo perguntar se essa qualidade pode atuar sobre um objeto do qual é qualidade.

A própria hipótese de que entre os processos psíquicos e os cerebrais possam existir inter-relações admite de antemão a idéia da psique como uma forma mecânica especial, que na opinião de uns é capaz de agir sobre os processos cerebrais e, na opinião de outros, pode fazê-lo apenas de forma paralela. Tanto a doutrina do paralelismo quanto a da ação recíproca encerram essa falsa premissa. Somente o conceito monista da psique permite formular de forma totalmente diferente a questão de seu significado biológico.

Repetimos mais uma vez: se separarmos a psique dos processos de que é parte integrante, não cabe perguntar para que serve, que papel desempenha no processo geral da vida. De fato, existe um processo psíquico dentro de uma configuração complexa, dentro de um processo único de comportamento, e se quisermos compreender a função biológica da psique devemos nos perguntar sobre esse processo em sua totalidade: que função cumprem na adaptação essas formas de comportamento? Ou, dito de outra maneira, devemos nos perguntar sobre o significado biológico não dos processos psíquicos, mas dos psicológicos, e então o insolúvel problema da psique, que, por um lado, não pode ser um epifenômeno, um apêndice supérfluo e, por outro, não pode se deslocar nem um milímetro do cérebro, terá sido resolvido.

Como diz Koffka, os processos psíquicos indicam com antecipação as complexas configurações psicofisiológicas de que eles mesmos fazem parte. Esse ponto de vista monista integral consiste precisamente em analisar um fenômeno em sua totalidade como uma configuração e suas partes como elementos orgânicos da mesma. Por conseguinte, a tarefa

fundamental da psicologia dialética consiste precisamente em descobrir a conexão significativa entre as partes e o todo, em saber considerar o processo psíquico em conexão orgânica nos limites de um processo integral mais complexo.

Nessa linha G. V. Plékhanov (1956, t. 1, p. 75) abriu o importante debate sobre se os processos psíquicos podem influir nos corporais. Em todos os casos em que se fala da influência dos processos psíquicos (como o terror, uma grande angústia, impressões penosas etc.) nos corporais, os fatos se transmitem, em sua maioria, de forma fiel, mas a interpretação que se dá aos mesmos é falsa. Naturalmente, em todos esses casos não é a impressão, nem o ato psíquico em si (o ardente desejo de comer, como dizia Pávlov) que influenciam os nervos, mas é o processo fisiológico correspondente a essa impressão, que constitui com ela um todo, que conduz ao resultado de que falamos.

No mesmo sentido, A. N. Siévertsov¹ fala da psique como a forma superior de adaptação dos animais, referindo-se, na verdade, não aos processos psíquicos, mas aos psicológicos no sentido que explicamos acima.

É falsa, portanto, a idéia da ação mecânica da psique no cérebro, apresentada pela perspectiva tradicional. Os velhos psicólogos consideram-na como uma segunda força, que existe junto com os processos cerebrais. Com isso estamos chegando ao ponto central de nosso problema.

Como já indicamos anteriormente, Husserl toma como ponto de partida a tese de que na psique elimina-se a diferença entre fenômeno e existência: basta admitir isto para que cheguemos, por uma lógica inevitável, à fenomenologia, pois então na psique não existe diferença entre o que parece e o que é. O que parece – o fenômeno – é precisa-

1. Siévertsov, Aleksiei Nikoláievitch (1866-1936). Biolólogo soviético. Em seu trabalho *Evolução e psique* (1922) analisa os procedimentos de adaptação do organismo ao meio mediante mudanças no comportamento dos animais sem que se altere sua organização. Os mecanismos individuais do comportamento, ao alcançarem seu grau máximo de desenvolvimento no homem, asseguram sua adaptação a quaisquer condições de existência e dão lugar à criação do chamado meio artificial – o meio da cultura e da civilização. (N.R.R.)

mente a verdadeira essência. Resta-nos apenas constatar essa essência, analisá-la, diferenciá-la e sistematizá-la, mas aqui a ciência de caráter empírico nada tem a fazer.

K. Marx diz, em relação a um problema análogo: "(...) se a essência das coisas e sua forma de se manifestar coincidissem diretamente, toda ciência seria supérflua" (K. Marx e F. Engels, *Obras*, t. 25, parte II, p. 384). Com efeito, se as coisas fossem diretamente o que parecem, não seria necessária nenhuma pesquisa científica. Essas coisas deveriam ser registradas, contadas, mas não pesquisadas. Situação análoga é criada na psicologia, quando se nega a diferença entre o fenômeno e a realidade. Onde esta coincide diretamente com o fenômeno não há lugar para a ciência, apenas para a fenomenologia.

Pela interpretação tradicional da psique era totalmente impossível sair desse atoleiro. Era absurdo até mesmo formular a questão de qual a distinção que se deve fazer na psique entre fenômeno e existência. Mas, uma vez mudada a perspectiva, no sentido de que os processos psicológicos substituíram os psíquicos, podemos também aplicar em psicologia esse critério de L. Feuerbach: nem mesmo no pensamento se destruiu a diferença entre fenômeno e realidade; também no pensamento é preciso distinguir entre o pensamento e o pensamento do pensamento.

Se levarmos em conta que o objeto da psicologia é o processo psicofisiológico integral do comportamento, parece evidente que não se pode definir este como um componente exclusivamente psíquico, que seja além disso interpretado por uma determinada autopercepção. De fato, a introspecção nos proporciona sempre dados da autoconsciência que podem deformar, ou inevitavelmente o fazem, os dados da consciência. Estes últimos, por sua vez, nunca desvendam por completo e diretamente as propriedades e tendências de todo o processo integral de que fazem parte. As relações entre os dados da autoconsciência e a consciência, entre os desta e o processo são idênticas às relações entre o fenômeno e a realidade.

A nova psicologia afirma rotundamente que tampouco no mundo da psique coincidem o fenômeno e a realidade.

Pode parecer-nos que fazemos algo por uma causa determinada, mas na realidade a causa é outra. Podemos supor, com toda a convicção que nos dá a vivência direta, que gozamos de liberdade de vontade e nos equivocarmos cruelmente a esse respeito. Chegamos com isso a outro problema central da psicologia.

A velha psicologia identifica psique e consciência. Por conseguinte, todo o psíquico era ao mesmo tempo consciente. Por exemplo, os psicólogos F. Brentano, A. Bain e outros afirmavam que a questão da existência de fenômenos psíquicos inconscientes era contraditória em sua própria definição. A propriedade primeira e mais direta do psíquico é que temos consciência disso, o vivemos, é-nos dado na experiência direta interior, e por isso a própria expressão de "psique inconsciente" parecia aos velhos autores tão absurda quanto a de "quadrado redondo" ou "água seca".

Outros autores, ao contrário, havia muito se concentravam em três fatos principais, que os obrigara a introduzir em psicologia o conceito de inconsciente.

O primeiro fato consistia em que a própria consciência dos fenômenos tem graus diversos: alguns vivem-nos mais consciente e claramente, outros, menos. Existem coisas que se encontram quase no próprio limite da consciência e que entram e saem de seu campo com muita facilidade, existem coisas das quais temos uma vaga consciência, existem impressões vivas, ligadas mais ou menos estreitamente ao sistema real de vivências, por exemplo, os sonhos. Por conseguinte, afirmavam eles, o fenômeno não se transforma em menos psíquico pelo fato de se tornar menos consciente. A partir daí chegavam à conclusão de que é possível admitir também fenômenos psíquicos inconscientes.

Outro fato consiste em que dentro da própria vida psíquica se manifesta um certo confronto de diferentes elementos, a luta para entrar no campo da consciência, o deslocamento de uns elementos por outros, a tendência à renovação, às vezes a repetição inoportuna e assim por diante. J. Herbart, que reduzia a vida psíquica à complicada mecânica das representações, distinguia também as representa-

ções mascaradas ou inconscientes, que apareciam em decorrência de seu deslocamento do campo da consciência clara e continuavam existindo sob o limiar da consciência como uma tendência à representação. Aí se encontra, por um lado, de forma embrionária, a teoria de S. Freud, segundo a qual o inconsciente surge do deslocamento, e, por outro lado, a teoria de H. Höffding, para quem o inconsciente corresponde à energia potencial em física.

O terceiro fato consiste no seguinte. A vida psíquica, como já foi dito, supõe uma série de fenômenos excessivamente fragmentários, que exigem, naturalmente, admitir que continuam existindo inclusive quando não temos mais consciência deles. Vi algo; depois, passado certo tempo, lembro disso e surge a pergunta: o que aconteceu com a representação desse objeto durante o tempo em que não me lembrava dele? A psicologia nunca colocou em dúvida que no cérebro se conserva um certo rasto dinâmico, mas correspondia o fenômeno potencial a esse rasto? Muitos pensavam que sim.

A partir daqui coloca-se uma questão muito complexa, pois desconhecemos até agora as condições em que a consciência começa a acompanhar os processos cerebrais. Assim como no caso do significado biológico da psique, a dificuldade do problema está em sua falsa formulação. Não se pode perguntar em que condições começa o processo psíquico a acompanhar o nervoso, porque, em geral, os processos nervosos não são acompanhados pelos psíquicos, mas estes formam parte de um processo integral mais complexo, do qual também faz parte, de maneira orgânica, o nervoso.

Por exemplo, V. M. Békhterev (1926) supunha que somente quando a primeira corrente, ao se expandir pelo cérebro, tropeça com um obstáculo ou encontra uma dificuldade, somente então a consciência começa a trabalhar. Na verdade, a pergunta tem de ser feita de outra forma: em que condições surgem os complexos processos caracterizados pela presença neles da parte psíquica? Portanto, é preciso buscar determinadas condições conjuntas no sistema nervo-

so e no comportamento, onde surgem os processos psicológicos integrais, e não buscar finalmente o surgimento dos processos psíquicos no seio dos processos nervosos.

Quem mais se aproxima disso é Pávlov, quando compara a consciência com uma mancha luminosa que se move pela superfície dos hemisférios cerebrais, de acordo com a excitação nervosa ótima (1951, p. 248).

Na psicologia tradicional, a questão principal no problema do inconsciente consistia em reconhecer o inconsciente como algo psíquico ou como algo fisiológico. Autores como H. Münsterberg, T. Ribot e outros, que não viam outra possibilidade de explicar os fenômenos psíquicos a não ser através da fisiologia, manifestavam-se abertamente a favor do reconhecimento fisiológico do inconsciente.

Assim, Münsterberg (1914) afirma que não existe nenhum traço entre os que são atribuídos aos fenômenos inconscientes em que alguém possa se basear para poder incluí-los entre os psíquicos. Em sua opinião, nem mesmo naqueles casos em que os processos subconscientes mostram uma manifesta utilidade, existem fundamentos para atribuir a eles uma natureza psíquica. A atividade cerebral fisiológica, diz ele, não apenas pode dar resultados francamente racionais, mas é a única capaz de fazê-lo. A atividade psíquica é totalmente incapaz disso; por isso, Münsterberg chega à conclusão geral de que o inconsciente é um processo fisiológico e que essa explicação não deixa lugar a teorias místicas, às quais é fácil chegar partindo do conceito da vida psíquica subconsciente. Em suas próprias palavras, um dos méritos não menos importantes da explicação fisiológica científica consiste precisamente em que serve de barreira contra a penetração dessa pseudofilosofia. No entanto, Münsterberg admite que se deve utilizar a terminologia psicológica na investigação do inconsciente, com a condição de que os termos sirvam apenas de etiqueta para processos fisiológicos nervosos extremamente complexos. Münsterberg afirma que, em termos concretos, se tivesse que escrever a história de uma mulher na qual se observara um desdobramento de consciência, consideraria todos os processos subcons-

cientes como fisiológicos, mas para maior comodidade e clareza os descreveria no idioma da psicologia.

Em uma coisa Münsterberg tem indubitavelmente razão. A explicação fisiológica do subconsciente fecha as portas para as teorias místicas, ao passo que, em contrapartida, o reconhecimento de que o subconsciente é psíquico leva de fato, com frequência, como no caso de E. Hartmann, a uma teoria mística, que admite a existência da personalidade consciente junto com a do segundo "ego", construído de acordo com a mesma imagem, e que, falando com propriedade, é a reencarnação da velha idéia de alma, só que numa nova e mais confusa redação.

Para que nosso resumo seja completo e para que se possa avaliar adequadamente a nova proposta de solução, devemos lembrar que a velha psicologia ainda dispõe de um terceiro caminho para explicar o problema do inconsciente, precisamente o escolhido por Freud. Já falamos da dualidade do mesmo. Freud não resolve a questão principal, insolúvel na verdade, de se o inconsciente é ou não psíquico. Diz que ao investigar o comportamento e as vivências dos doentes nervosos tropeça com determinadas lacunas, com conexões omitidas, esquecimentos, que conseguia reestabelecer por meio da análise.

Freud fala de uma paciente que realizava atos obsessivos, cujo significado era desconhecido para ela. A análise descobriu as premissas de onde derivavam esses atos inconscientes. Nas palavras de Freud, comportava-se exatamente da mesma maneira que a pessoa hipnotizada a quem H. Bernheim sugestionara para que cinco minutos depois de despertar abrisse um guarda-chuva na sala, e que cumpria essa sugestão estando desperta, sem ser capaz de explicar o motivo de sua ação. Ante semelhante estado de coisas, Freud fala da existência de processos espirituais inconscientes. Freud afirma estar disposto a renunciar à hipótese de sua existência somente se alguém for capaz de descrever esses fatos com maior rigor científico; até lá continuará insistindo nessa tese e encolhe os ombros surpreso, renunciando a compreender, quando lhe replicam que no presen-

te caso o inconsciente não oferece uma explicação realmente científica.

Não se compreende como essa coisa irreal exerce ao mesmo tempo uma influência tão claramente real como é um ato obsessivo. O problema merece ser estudado, pois, entre todas as concepções do inconsciente, a teoria de Freud é uma das mais complexas. Como veremos, para Freud o inconsciente é, por um lado, algo real, que de fato provoca um ato obsessivo, não é simplesmente uma etiqueta ou uma forma de expressão. Nisto parece estar decisivamente contra a tese de Münsterberg, mas, por outro lado, não explica qual é a natureza desse algo inconsciente.

Em nossa opinião neste caso Freud criou um conceito difícil de conceber visualmente, algo que também se dá com frequência nas teorias físicas. A idéia do inconsciente, afirma Freud, é, de fato, tão impossível quanto o é a do éter sem gravidade que não produz atrito. É tão inconcebível como o conceito matemático "-1". Em minha opinião, podemos utilizar tais conceitos; mas é preciso compreender que nos referimos a conceitos abstratos, não a fatos.

Mas é precisamente este o ponto fraco da psicanálise a que se referia E. Spranger. Para Freud o inconsciente é, por um lado, um procedimento para descrever fatos conhecidos, ou seja, um sistema de conceitos convencionais; por outro lado, no entanto, insiste em que o inconsciente é um fato que exerce uma influência tão clara como um ato obsessivo. O próprio Freud afirma em outro livro que substituiria com prazer todos esses termos psicológicos por outros fisiológicos, mas que a fisiologia atual não lhe permite dispor dos conceitos necessários.

A nosso ver, esse é o mesmo ponto de vista expresso de forma conseqüente por E. Dale, quando defende que as conexões psíquicas e os atos ou os fenômenos devem ser explicados partindo precisamente de conexões e atos psíquicos, mesmo que para isso às vezes seja necessário recorrer a hipóteses de certa amplitude. Por isto, as interpretações e analogias fisiológicas podem apenas ter um valor auxiliar ou provisoriamente heurístico para as tarefas explicativas e hi-

póteses da psicologia; as teorias e hipóteses psicológicas representam apenas a continuação mental da descrição de fenômenos homogêneos no mesmo sistema independente da realidade. Portanto, as tarefas da psicologia como ciência independente e as exigências teórico-cognitivas lhe atribuem a obrigação de combater as tentativas usurpadoras da fisiologia, de não se desconcertar com as lacunas e intervalos reais ou imaginários no âmbito de nossa vida espiritual consciente e tentar preenchê-los nos elos ou modificações do psíquico, que não são objeto da consciência total, direta e permanente, ou seja, nos elementos do que denomina subconsciente, pouco consciente ou inconsciente.

No entanto, na psicologia dialética o problema do inconsciente se coloca de uma forma totalmente distinta: era natural que a questão “é psíquico ou fisiológico?” se formulasse ali onde o psíquico era considerado como absolutamente desgarrado dos processos psicológicos e de qualquer fenômeno. No segundo caso, o problema do inconsciente se resolvia de acordo com a linha de Pávlov; no primeiro, de acordo com a da psicologia compreensiva. Hartmann e Münsterberg são, em relação ao campo do inconsciente, comparáveis a Husserl e Pávlov em relação à psicologia geral.

Para nós é importante formular a pergunta assim: é psicológico o inconsciente e pode ser considerado dentro de outros fenômenos homogêneos como mais um aspecto dos processos de comportamento junto com os processos psicológicos a que nos referimos antes? Também a esta pergunta já respondemos acima ao analisarmos a psique, e afirmávamos que é preciso considerar esta (a psique) como parte integrante de um processo complexo que não se limita em absoluto a sua vertente consciente; por isso, consideramos que em psicologia é completamente lícito falar do psicologicamente consciente e inconsciente: o inconsciente é potencialmente consciente.

Gostaríamos de assinalar a diferença entre esse ponto de vista e o de Freud. Para este, o conceito de inconsciente é, como já dissemos, por um lado, um procedimento de descrição dos atos e, por outro, algo real, que gera atos direta-

te. É aqui justamente que se situa o problema. A última pergunta pode ser formulada assim: admitamos que o inconsciente é psíquico e goza de todas suas propriedades, embora não constitua uma vivência consciente. Mas, será que também o fenômeno psíquico consciente pode produzir diretamente ações? Porque, como já dissemos, em todos os casos em que se atribui uma ação aos fenômenos psíquicos, dizemos que esta foi realizada pelo processo psicofisiológico integral e não apenas por sua parte psíquica. Por conseguinte, o próprio caráter do inconsciente, que consiste em influir nos processos conscientes e no comportamento, exige que seja reconhecido como um fenômeno psicofisiológico.

Outro problema que se nos apresenta é que para descrever determinados fatos temos de empregar conceitos que correspondam à natureza deles. Para resolvê-lo, o ponto de vista dialético afirma que o inconsciente não é nem psíquico nem fisiológico, mas psicofisiológico, ou, sendo mais exatos, psicológico. Essa definição ajusta-se à autêntica natureza e às autênticas características do objeto, já que consideramos todos os fenômenos de comportamento como processos integrais.

Gostaríamos de assinalar também que em muitas ocasiões já se havia tentado sair do atoleiro da psicologia tradicional provocado pela incapacidade desta de resolver os principais problemas da psique e da consciência. Por exemplo, W. Stern procurou encontrar uma saída recorrendo ao conceito de funções psicofísicas e processos neutros, isto é, processos que não eram nem físicos nem psíquicos, mas que estavam além dessa separação.

Mas, na verdade, só existe o psíquico e o físico, e o neutro pode não passar de uma solução de compromisso. Parece evidente que essa construção nos afasta definitivamente do autêntico objeto da psicologia, pois este existe realmente e somente a psicologia dialética é capaz de indicar a saída ao afirmar que o objeto da psicologia não é constituído pelo fenômeno psicológico neutro, mas pelo fenômeno psicofisiológico integral único, que convencionalmente denominamos fenômeno psicológico.

A tentativa de Stern e outras parecidas são importantes no sentido de que desejam acabar com o pressuposto sustentado pela velha psicologia, de que entre o psíquico e o psicológico se pode colocar um sinal de igualdade, e no sentido de que mostram que o objeto da psicologia não é constituído pelos fenômenos psíquicos, mas por algo mais complexo e integral, em cuja composição o psíquico só intervém como um membro orgânico, e que poderia ser denominado psicológico. É por sua descoberta desse fato que a abordagem de Stern difere de forma decisiva de todas as outras tentativas.

Como conclusão, gostaríamos de assinalar que todas as conquistas, tanto da psicologia subjetiva quanto da objetiva, são incorporadas de fato pela nova formulação do problema apresentada pela psicologia dialética.

Assinalemos um primeiro aspecto: a psicologia subjetiva descobriu uma série de propriedades dos fenômenos psíquicos, que somente essa nova formulação pode realmente explicar e avaliar adequadamente. Assim, a velha psicologia descrevia como propriedades diferenciadoras específicas dos fenômenos psíquicos sua espontaneidade, o procedimento original para conhecê-los (a introspecção) ou a atitude, mais ou menos próxima da personalidade, o "eu" e assim por diante. F. Brentano formulou como traço principal dos fenômenos psíquicos sua *relação intencional com o objeto* ou o fato de que mantêm com este uma relação específica característica apenas dos fenômenos psíquicos, ou seja, que representam esse objeto ou estão ligados a ele de maneira singular.

Deixando de lado como traço claramente negativo o traço da espontaneidade, vemos que na nova formulação da questão todas as propriedades (como a singular representação do objeto no fenômeno psíquico, a especial conexão dos fenômenos psíquicos com a personalidade, o acesso, restrito ao sujeito, de sua observação ou de suas vivências) constituem importantes características funcionais desses processos psicológicos, consideradas específicas do psíquico. Todos esses aspectos, que para a velha psicologia eram ape-

nas uma questão de dogma, revivem e se transformam em tema de investigação na nova psicologia.

Tomemos outro aspecto do extremo oposto da psicologia, mas que mostra com igual clareza o mesmo. A psicologia objetiva procurou, através da obra de J. Watson (1926), abordar o problema do inconsciente. Esse autor distingue o comportamento verbalizado e o não-verbalizado e afirma que uma parte dos processos comportamentais desde o princípio acompanhados de palavras pode ser provocada ou substituída por processos verbais. Essa parte é controlada por nós, como diz Békhterev. A outra não é verbal, não mantém relação com as palavras e, portanto, escapa a nosso controle. A conexão do comportamento com a palavra já foi descrita há tempo por Freud, que indicava como inconscientes precisamente aquelas representações alheias à palavra.

A estreita conexão entre a verbalização e a consciência de tais ou quais processos também foi mencionada por alguns críticos de Freud, que se inclinavam a equiparar o inconsciente com o associal e o associal com o não-verbal. Watson também vê na verbalização a principal diferença do consciente. Afirma categoricamente: tudo que Freud denomina de inconsciente é, em essência, não-verbal. Dessa tese, Watson extrai duas conclusões altamente curiosas. Conforme a primeira, não podemos nos lembrar dos acontecimentos mais remotos da infância precisamente porque ocorreram quando nosso comportamento ainda não estava verbalizado e por isso a parte mais precoce de nossa vida será sempre inconsciente para nós. A segunda conclusão assinala o ponto fraco da psicanálise, que consiste precisamente em que por meio da conversa, ou seja, por meio das reações verbais, o médico procura interferir em processos inconscientes, isto é, não-verbais.

Não queremos dizer agora que essas teses de Watson sejam absolutamente corretas, ou que devam servir de ponto de partida para a análise do problema do inconsciente; gostaríamos apenas de assinalar que o germe positivo encerrado nessa conexão entre o inconsciente e o não-verbal (também apontada por outros autores) só pode ser plenamente desenvolvida com base na psicologia dialética.

BIBLIOGRAFIA CITADA

A) EM RUSSO

- MARX, K., ENGELS, F.: *Obras*, 2ª ed., t. 20, 23, 25 parte II, 46 parte II.
- LÊNIN, V. I.: *Obras completas*, t. 18, 29.

* * *

- BACON, F.: Soch. v. 2-j t. (*Obras em 2 tomos*). Moscou, 1978, t. 2.
- BERGSON, E.: *Materia i pámiat* (Matéria e memória). São Petersburgo, 1911.
- BÉKHTEREV, V. M.: *Rabota golovnovo mozga* (O trabalho do cérebro). Leningrado, 1926.
- _____. *Obchie osnovi refleksologuia tchelovieka* (Fundamentos gerais da reflexologia do homem). Moscou, Petrogrado, 1923.
- _____. *Kollektívnaia refleksologuia* (Reflexologia coletiva). Petrogrado, 1921.
- BLONSKI, P. P.: *Ótcherk náuchnoi psikhologii* (Ensaio de psicologia científica). Moscou, 1921.
- _____. *Psikhologuia kak nauka o povedenii* (A psicologia como ciência do comportamento) em *Psikhologuia i marksizm* (Psicologia e marxismo). Moscou, Leningrado, 1925a.
- _____. *Pedologuia* (Pedologia). Moscou, 1925.

- BOROVSKI, V. M.: *Vvedenie v sravnitelnuu psikhologuiu* (Introdução à psicologia comparativa). Moscou, 1927.
- BÜHLER, K.: *Ótcherk dukhóvnovo razvítia rebionka* (Ensaio sobre o desenvolvimento espiritual da criança). Moscou, 1930.
- DEBORIN, A. M.: *Dialéktika i iestiéstvzananie* (Dialética e ciências naturais). Moscou. Leningrado, 1929.
- _____. *Vvedenie v filosofiú dialectícheskovo materialisma* (Introdução à filosofia do materialismo dialético). Moscou, 1923.
- DESSOIR, M.: *Istoria psikhologii* (História da psicologia). São Petersburgo, 1912.
- DILTHEY, W.: *Opísatelnaia psikhologuia* (Psicologia descritiva). Moscou, 1924.
- DUHEM, P.: *Fizícheskaia teoria i eió tsel i stroenie* (A teoria física: seu objetivo e estrutura). São Petersburgo, 1960.
- EVERGUÉTOV, I.: *Posle empirizma* (Depois do empirismo). Leningrado. 1924.
- FEUERBACH, L.: *Prótiv dualizma duchí i tiela, ploti i duja* (Contra o dualismo da alma e do corpo, da carne e do espírito). *Izbránnie filosofskie proizvedenia* (Obras filosóficas escolhidas). Moscou, 1955, t. I.
- Frank, S. L.: *Duchá tchelovieka* (A alma do homem). Moscou, 1917.
- FRANKFURT, O. V.: *G. V. Plekhánov o psikhofiziologuítcheskoi probléme* (G. V. Plekhánov sobre o problema psicofisiológico). *Pod známenem marksizma* (Sob a bandeira do marxismo). 1926, nº 6.
- FREUD, S.: *Liéktsii po vvedenii v psikhoanáliz* (Conferências de introdução à psicanálie). Moscou, 1923, fasc. 1, 2.
- _____. *Ótcherki po teorii seksuálnosti* (Ensaio sobre a teoria da sexualidade). Moscou, Petrogrado, 1924.
- _____. *Po tu stóronu prínsipa udovóltsvia* (Mais além do princípio do prazer). Moscou, 1925.
- _____. *Ia i onó* (O eu e o outro). Leningrado, 1924.
- FRIDMAN, B. P.: *Osnovnie psikhologuítcheskie vozzrenia Eroida i teória istorícheskovo materializma* (As concepções psicológicas fundamentais de Freud e a teoria do materialismo histórico). Em *Psicologia e marxismo*, op. cit.
- GROOS, K.: *Duchévnaia jizn rebionka* (A vida espiritual da criança). São Petersburgo, 1906.

- HÖFFDING, H.: *Ótcherki psikhologii, osnóvannoi na óptite* (Ensaio de psicologia baseada na experiência). São Petersburgo, 1908.
- HUSSER, E.: *Filosofia kak strógaia nauka* (A filosofia como ciência rigorosa). Moscou, 1911.
- IVANOVSKI, V. N.: *Metodologuítcheskoe vvedenie v nauku i filosofiú* (Introdução metodológica à ciência e à filosofia). Minsk, 1923.
- JAMES, W.: "Suschestvúet li soznanie?" – *Nóvie idií v filosoffii* (Existe a consciência? – No livro: Novas idéias em filosofia). São Petersburgo, 1913, fasc. 4.
- _____. *Psikhologuia v besiédakh s utchiteliami* (A psicologia em conversas com os mestres). Moscou, 1905.
- _____. *Psikhologuia* (Psicologia). São Petersburgo, 1911.
- JEMSON, L.: *Ótcherk marksistskoi psikhologii* (Ensaio de psicologia marxista). Moscou, 1925.
- KOFFKA, K.: *Prótiv mekhanitsizma i vitalizma v sovreménnoi psikhologii* (Contra o mecanicismo e o vitalismo na psicologia atual). *Psikhologuia* (Psicologia). 1932.
- _____. *Samonabliudenie i miétod psikhologii* (A introspecção e o método da psicologia). Col. *Problemi sovreménnoi psikhologii* (Problemas da psicologia atual). Leningrado, 1926.
- KÖHLER, E.: *Issliédovanie intelliéka tcheloviekopodóvnikh obezián* (Investigação do intelecto dos macacos antropomorfos). Moscou, 1930.
- KORNÍLOV, K. N.: *Utchenie o reáksiakh tchelovieka* (Doutrina sobre as reações do homem). Moscou, 1922.
- _____. *Psikhologuia i marksizm* (Psicologia e marxismo). Em *Psicologia e marxismo*, op. cit.
- KRAVKOV, S. V.: *Samonabliudenie* (Introspecção). Moscou, 1922.
- KRETSCHMER, E.: *Struktura tiela i kharáker* (A estrutura do corpo e o caráter). Moscou, Petrogrado, 1924.
- KROL, M. B.: *Michlenie i rietch* (Pensamento e linguagem). Trudi Bielorrússkovo gossudárstvennovo universiteta (Trabalhos da Universidade estatal da Bielo-Rússia). Minsk, 1922, t. II, nº 1.
- KÜLPE, O.: *Sovreménnaia psikhologuia michlenia* (A psicologia atual do pensamento). *Nóvie idií v filosoffii* (Novas idéias em filosofia). Petrogrado, 1916, fasc. 16.
- LANGUE, N. N.: *Psikhologuia* (Psicologia). Moscou, 1914.

- LAZURSKI, A. F.: *Psikhologuia óbschaia i eksperimentálnaia* (Psicologia geral e experimental). Moscou, 1925.
- LEIBNIZ, G. W.: *Izvrannie filosófskie sotchinienia* (Obras filosóficas escolhidas). Moscou, 1908.
- LEÓNTIEV, A. N.: *Razvitie pámiati* (O desenvolvimento da memória). Moscou, 1931.
- LIENTS, A. K.: *Ob osnóvakh fiziologuítcheskoi teorii tcheloviétskovo povedienia* (Sobre os fundamentos da teoria filosófica do comportamento humano). *Priroda* (A natureza). 1922, 6, 7.
- LURIA, A. R.: *Psikhoanáлиз kak sistiema monistícheskoi psikhologii* (A psicanálise como sistema da psicologia monista). Em *Psicologia e marxismo*, op. cit.
- _____. *Sopriajónnaia motórnaia metódika v issliédovanii affektívnikh reaktсии* (O método motor combinado na investigação das reações afetivas). *Trudi Gossudárstvennovo instituta eksperimentálnoi psikhologii* (Trabalhos do Instituto estatal de psicologia experimental). Moscou, 1928, t. 3.
- MÜNSTERBERG, H.: *Osnovi psikhotiékhniki* (Fundamentos de psicotécnica). Moscou, 1922, parte I.
- _____. *Psikhologuia i ekonomítcheskaia jizn* (A psicologia e a vida econômica). Moscou, 1914.
- NATORP, P.: *Lóguika* (Lógica). São Petersburgo, 1909.
- _____. *Nóvie idiéi v filosofii* (Novas idéias em filosofia). São Petersburgo, 1914, col. 15.
- _____. *Nóvie idiéi v meditsine* (Novas idéias em medicina). Moscou, 1924, fasc. 4.
- PÁVLOV, I. P.: *Liektсии o rabote glávnikh psitchivarítelnikh jelioz* (Conferências sobre o funcionamento das glândulas principais). Póln. obr. soch. (Obras completas). Moscou, Leningrado, 1951, t. III, livro 2.
- _____. *XX-liétnii ópit obiektívnovo izutchenia visstchei niérvnoi diéiatelnosti – povedienia – jivótnikh* (Experiência de estudo objetivo da atividade nervosa superior – comportamento – dos animais – o século XX). *Obras completas*. Moscou, Leningrado, 1950, t. III, livro 1.
- PEARSON, C.: *Grammátika nauki* (A gramática da ciência). São Petersburgo, 1911.

- PFENDER, A.: *Vvedenie v psikhologuii* (Introdução à psicologia). Moscou, 1909.
- PIAGET, J.: *Rietch i michlenie rebionka* (A linguagem e o pensamento da criança). Moscou, 1932.
- PLANCK, M.: *Otnochenie noviéichei fiziki k mekhanítcheskomu mirovozzrienu* (Atitude da física contemporânea em relação à ideologia mecânica). São Petersburgo, 1911.
- PLEKHÁNOV, G. V.: *Osnovnie voprossi marksizma* (Questões fundamentais do marxismo). Moscou, 1922a.
- _____. *Iskusstvo* (A arte). Sb. statiéi (Col. de artigos). Moscou, 1922.
- _____. *Izvrannie filosófskie proizvedienia: V 5-tí t.* (Obras filosóficas escolhidas: em 5 tomos). Moscou, 1956, t. I.
- PORTUGÁLOV, Yu. V.: *Kak issliédovat psíkhiku* (Como analisar a psique). V sb.: *Diétskaia psikhologuia i antropologuia* (Col.: Psicologia infantil e antropologia). Samara, 1925, fasc. I.
- PROTOPÓPOV, V. P.: *Miétdi refleksologuítcheskovo issliédovania tchelovieka* (Métodos de investigação reflexológica do homem). *Jurnal psikhologii, nevrologuii i psikhiatrii* (Revista de psicologia, neurologia e psiquiatria). 1923, t. 3, fasc. 1-2.
- RUBAKIN, N. A.: *Psikhologuia tchitátelia i knigui* (A psicologia do leitor e os livros). Moscou, 1929.
- SCHELOVÁNOV, N. M.: *Metódika guenetícheskoi refleksologuii* (Metodologia da reflexologia genética). *Nóvoe v refleksologuii i fiziologuii* (Col.: O novo em reflexologia e fisiologia). Moscou, Leningrado, 1929.
- SCHÉRBINA, A. M.: *Vozmojna li psikhologuia biez samonabliudenia?* (É possível a psicologia sem introspecção?) *Voprossi filosofii i psikhologii* (Problemas de filosofia e psicologia). 1908, 4 (94).
- SHERRINGTON, Ch.: *Assotsiatsia spinomozgovikh reflíeksov i prínsip óbschevo polia* (A associação dos reflexos da medula espinhal e os princípios do sexo comum). *Uspiekhi sovremiénnoi biologuii* (Em: Logros da biologia atual). Odessa, 1912.
- SIÉVERTSOV, A. N.: *Evolutsia i psíkhika* (A evolução e a psique). Moscou, 1922.
- SPINOZA, B.: *Étika* (Ética). Moscou, 1911.

- _____. *Traktat ob otchischenia intellekta* (Tratado da purificação do intelecto). Moscou, 1914.
- STEPÁNOV, I. L.: *Istorícheskii materializm i sovremiennoe iesztestvovanie* (O materialismo histórico e as ciências naturais atuais). Moscou, 1924.
- STERN, W.: *Psikhologuia ránnego dietstva do chestiliétnovo vózrasta* (A psicologia da pré-infância à idade de seis anos). Moscou, 1922.
- STOUT, G.: *Analitícheskaia psikhologuia* (Psicologia analítica). Petrogrado, 1923, t. I.
- STRUMINSKI, V. Ya.: *Marksizm v sovremennoi psikhologii* (O marxismo na psicologia atual). *Sob a bandeira do marxismo*, 1926, 3, 4, 5.
- _____. *Psikhologuia* (Psicologia). Orenburgo, 1923.
- TCHÉLPÁNOV, G. I.: *Obektívnaia psikhologuia v Rossii i Amérike* (A psicologia objetiva na Rússia e na América). Moscou, 1925.
- _____. *Sotsiálnaia psikhologuia ili uslovnie reflieksi?* (Psicologia social ou reflexos condicionados?). Moscou, Leningrado, 1926.
- _____. *Psikhologuia i marksizm* (Psicologia e marxismo). Moscou, 1924.
- THORNDIKE, E.: *Príntsipi obutchenia, osnovannie na psikhologii* (Princípios de instrução baseados na psicologia). Moscou, 1925.
- TITCHENER, E. B.: *Utchébnik psikhologii* (Manual de psicologia). Moscou, 1912, partes 1, 2.
- UKHTOMSKI, A. A.: *Dominanta kak rabotchii printsip niervnikh tséntrov* (A dominante como princípio de trabalho dos centros nervosos). *Russkii fiziologúcheskii jurnal* (Revista fisiológica russa), 1923, 6 (1-3).
- VÁGNER, V. A.: *Vozniknovienie i razvitie psikhícheskikh sposóbnostiei* (Aparição e desenvolvimento das faculdades psíquicas). Leningrado, 1928.
- _____. *Biopsikhologuia i smiénnie nauki* (A biopsicologia e as ciências afins). Petrogrado, 1923.
- VICHNIEVSKI, V. A.: *V zaschitu materialistícheskoi dialéktiki* (Em defesa da dialética materialista). *Sob a bandeira do marxismo*, 1925, nº 8, 9.
- VVEDIENSKI, A. I.: *Psikhologuia biez vsiakoi metafíziki* (Psicologia sem nenhuma metafísica). Petrogrado, 1917.

- VIGOTSKI, L. S.: *Razvitie vischikh psikhícheskikh* (Desenvolvimento das funções psíquicas superiores). Moscou, 1960.
- _____. *Izvránnie psikhologúcheskie issliédovania* (Investigações psicológicas escolhidas). Moscou, 1956.
- _____. *Soznanie kak problema psikhologii* (La consciência como problema da psicologia). Em *Psicologia e marxismo, op. cit.*
- _____. *Psikhologuia óbschaia i eksperimentálnaia* (Prólogo ao livro de Lazurski, A. F. *Psicología geral e experimental*). Moscou, 1925.
- _____. *Guenetícheskie korni michlenia i rietchi* (Raízes genéticas do pensamento e a linguagem). *Iestestvoznanie i marksizm* (As ciências naturais e o marxismo). 1929, 1.
- VIGOTSKI, L. S., LURIA, A. R.: *Po tu stóronu príntsipa udovolstva* (Prólogo ao livro de Freud, S.: *Mais além do princípio do prazer*). Moscou, 1925.
- WATSON, J.: *Psikhologuia kak nauka o povedenii* (A psicologia como a ciência do comportamento). Moscou, 1926.
- ZALKIND, A. B.: *Ótcherki kulturi revoliutsiónnovo vriémeni* (Ensaio sobre a cultura dos tempos revolucionários). Moscou, 1924.
- ZANKOV, L. V.: *Pámiat* (A memória). Moscou, 1949.
- ZELIONII, G. P.: *O ritmícheskikh michétchnikh dvijéniax* (Sobre os movimentos musculares rítmicos). *Russkii fiziologúcheskii jurnal* (Revista fisiológica russa), 1923, t. 6, fasc. 1-3.

B) EM OUTROS IDIOMAS

- BINSWANGER, L.: *Einführung in die Probleme der allgemeinen Psychologie*. Berlim, 1922.
- BÜHLER, K.: *Die Krise der Psychologie*. Jena, 1927.
- DUMAS, J.: *Traité de Psychologie*. Paris, 1923-1924, vol. 1-2.
- JAENSCH, E.: *Über den Aufbau der Wahrnehmungswelt und die Grundlagen der menschlichen Erkenntnis*. Leipzig, 1927, vol. 1.
- KOFFKA, K.: *Introspection and the Method of Psychology*. The British Journal of Psychology, 1924, v. 15.
- _____. *Die Grundlagen der psychischen Entwicklung*. Osterwieck and Harz, 1925.
- KÖHLER, W.: *Intelligenzprüfungen an Anthropoiden*. Leipzig, 1917.

- _____. *Gestalt Psychology*. N. Y., 1924.
- _____. *Die physischen Gestalten in Ruhe und im stationären Zustand*. Braunschweig, 1920.
- _____. *Intelligenzprüfungen an Menschenaffen*. Berlin, 1921.
- _____. *Aus Psychologie des Schimpanzen*. Psychologische Forschung, 1921, bd. I.
- LALANDE, A.: *Les théories de l'induction et de l'experimentation*. Paris, 1929.
- PILLSBURY, W. B.: *The Fundamentals of Psychology*. N. Y., 1917.
- STERN, W.: *Methodensammlung zur Intelligenzprüfung von Kinder und Jugendlichen*. Leipzig, 1924.
- THORNDIKE, E. L.: *Animal Intelligence*. N. Y., 1911.
- _____. *The Elements of Psychology*. N. Y., 1920.
- WERTHEIMER, M.: *Drei Abhandlungen zur Gestalttheorie*. Erlangen, 1925.